

CANIBALISMO, HORROR E DESUMANIZAÇÃO: UMA ANÁLISE DE JANTAR SECRETO, DE RAPHAEL MONTES, E SABOROSO CADÁVER, DE AGUSTINA BAZTERRICA

PAULA PELISSOLI PEREIRA¹; ALFEU SPAREMBERGER²

¹*Universidade Federal de Pelotas – paulapelissoli3@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas - alfeu.sparemberger@outlook.com*

1. INTRODUÇÃO

O canibalismo é um tema recorrente na cultura *pop* e, sobretudo, no gênero de horror. Sua presença se destaca principalmente no cinema, mas também encontra espaço relevante na literatura. Nas obras em que essa temática aparece, percebe-se que ela pode ser explorada de diferentes modos, variando de acordo com cada narrativa. Para além do ato literal de devorar carne humana, muitas produções utilizam o canibalismo como metáfora para questões mais complexas, como vingança, corpo como objeto e mercadoria, descoberta da identidade, herança genética e familiar, dentre outros.

Nos romances *Jantar Secreto* (2016), de Raphael Montes, e *Saboroso Cadáver* (2022), de Agustina Bazterrica - duas obras literárias contemporâneas de autores latino-americanos - o canibalismo surge como temática central. Em *Jantar Secreto*, o enredo acompanha quatro amigos que deixam o interior do Paraná para estudar no Rio de Janeiro e, diante de dificuldades financeiras, acabam se envolvendo em jantares clandestinos nos quais servem carne humana. Já em *Saboroso Cadáver*, um vírus letal torna a carne animal imprópria para o consumo, levando o Estado a legalizar a criação, o abate e a comercialização de carne humana. Observa-se, nas duas narrativas, que muitos dos corpos assassinados pertencem a indivíduos marginalizados. Pelas falas dos personagens e situações retratadas, nota-se que o canibalismo funciona como um mecanismo de higienização social, voltado à erradicação da pobreza. Esses corpos, invisibilizados e descartáveis aos olhos do Estado, são animalizados e desumanizados, reduzidos a simples pedaços de carne que circulam como mercadoria. Essa lógica estabelece um paralelo com a indústria da carne em nossa sociedade, na qual a vida é esvaziada de valor e tratada como produto.

Diante disso, este trabalho analisa as duas obras, evidenciando suas aproximações no que concerne ao canibalismo e à crítica social que elaboram. Para realizar tais reflexões são retomados alguns conceitos sobre animalização/desumanização, demonstrando como a filosofia, com Descartes (1637), por exemplo, passou a fazer essa diferenciação e retratar essa relação de inferioridade entre humanos e animais. Essa distinção ainda hoje influencia a forma como a sociedade, especialmente em contextos capitalistas, lida com essa relação marcada por hierarquia e superioridade do humano sobre o animal. Em contraponto, alguns filósofos, como Agamben (2002) e Derrida (2002), problematizam essa relação assimétrica entre humano e animal. A adoção dessa perspectiva de diferenciação é perigosa, pois, dependendo do contexto, pode gerar uma hierarquia de inferioridade entre humanos, alinhando-se ao conceito de necropolítica proposto por Mbembe (2011). Essa inferiorização do outro, sustentada por uma relação de alteridade, legitima que determinados grupos encontrem justificativas para explorar e exterminar outros.

2. METODOLOGIA

O presente trabalho é uma pesquisa qualitativa, de caráter comparativo, que analisa *Jantar Secreto*, de Raphael Montes, e *Saboroso Cadáver*, de Agustina Bazterrica, investigando como o tema do canibalismo, aliado à ideia de animalização do corpo, é explorado em cada obra. Para isso, realizamos uma contextualização a partir da perspectiva dos teóricos citados na introdução, que constituem o eixo central da investigação: a desumanização e animalização do corpo humano dentro de uma lógica de mercado; bem como da ideia de necropolítica, a fim de compreender as formas de exclusão social e de gestão da vida e da morte presentes nos textos. Em seguida, analisamos as narrativas, destacando os recursos literários utilizados e evidenciando suas aproximações na representação do canibalismo e da crítica social que ambas as obras se propõem a fazer.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Descartes (1637), a partir de sua perspectiva dualista, distingue o ser humano dos animais ao afirmar que apenas o homem possui alma racional, capaz de pensar e refletir. Já os animais seriam autômatos, máquinas vivas desprovidas de consciência ou razão. Essa concepção inaugura a tradição antropocêntrica que sustenta a dominação dos humanos sobre os seres não humanos. Segundo Maciel, “foi precisamente pela negação da animalidade que se forjou uma definição do humano ao longo dos séculos no mundo ocidental” (2016, p. 16). Já Agamben questiona a separação tradicional entre humano e animal, entendendo-a como uma construção da metafísica ocidental. Em *O aberto* (2002), ele mostra que essa distinção é frágil e que o humano se define em fronteiras móveis com o não-humano. Sua noção de “máquina antropológica” revela como o homem é produzido pela exclusão do animal em um espaço ambíguo de constante redefinição. Para ele, “aquilo que deveria assim ser obtido não é afinal nem uma vida animal nem uma vida humana, mas apenas uma vida separada e excluída de si mesma - somente uma vida nua” (2002, p. 43). Derrida (2002), em consonância com Agamben, afirma que o animal encarna a alteridade máxima, funcionando como projeção das características que o humano rejeita em si. A dominação contemporânea dos animais decorre da transformação das formas tradicionais de tratá-los, impulsionada por saberes da ciência. Isso resulta em práticas de adestramento, criação em massa, manipulação genética e industrialização da carne, sempre em benefício do ser humano.

Em *Jantar Secreto* e *Saboroso Cadáver*, alguns personagens são colocados nessa condição de alteridade máxima descrita por Derrida, sendo animalizados e desumanizados como forma de exploração. Ao perderem seu estatuto de “humanos” - isto é, suas subjetividades, identidades e nomes -, reduzem-se a meros pedaços de carne destinados a alimentar um grupo ou até mesmo uma população inteira. Esse processo de animalização e desumanização legitima, dentro das narrativas, a exploração de uns sobre os outros e sustenta a justificativa para o consumo da carne humana.

A animalização e a desumanização dos corpos atravessam as duas narrativas e se manifestam, entre outros aspectos, na própria forma como a carne é nomeada. Em *Saboroso Cadáver*, por se tratar de uma distopia, certas palavras são

proibidas e substituídas por outras, de modo a sustentar a lógica dessa nova sociedade. O termo “canibalismo”, por exemplo, é proibido, visto que a carne consumida é entendida como proveniente de humanos previamente animalizados. Assim, em vez de “humanos”, os corpos abatidos passam a ser chamados de “cabeças”, e a carne é designada como “carne especial”. Esses corpos, destituídos de nome e sobrenome, são reduzidos a uma matéria sem identidade, o que reforça o processo de animalização e desumanização. Já em *Jantar Secreto*, a carne recebe a denominação de “carne de gaivota”, termo utilizado tanto pelos organizadores quanto pelos frequentadores dos jantares: “(...) Podem perguntar o que quiser, mas não esqueçam de usar o termo gaivota, em vez de... Vocês sabem...” (MONTES, 2016, p. 208).

Essa animalização, além de se manifestar em detalhes como a nomeação da carne e seu abate, também se revela em dinâmicas específicas das duas obras, associadas à ideia de caça. Em *Jantar Secreto*, a narrativa mostra que o comércio de carne humana atinge proporções industriais, ainda que de forma clandestina, contando inclusive com a conivência do Estado: a Polícia Rodoviária Federal, ao abordar determinados veículos, seleciona vítimas vulneráveis para serem “caçadas” e transformadas em mercadoria. Os próprios policiais utilizam a expressão “caçar gaivotas” para se referirem à captura dos corpos. Já em *Saboroso Cadáver*, há um clube de caça que adquire “cabeças” para a prática do esporte. Nesse contexto, um grupo de homens se reúne para a caçada, considerando as “cabeças macho” como presas mais valiosas, por oferecerem maior resistência e, portanto, um desafio mais excitante e divertido, ao contrário das “cabeças fêmeas”, vistas como submissas e passivas diante da morte.

Outro aspecto relevante é que, já no início de *Saboroso Cadáver*, o narrador revela, a partir do personagem principal, - como também ocorre em outros trechos do livro - que a suposta contaminação da carne animal foi uma invenção midiática, criada para legitimar a institucionalização e a comercialização da carne humana. Menciona-se, ainda, que o projeto dessa nova sociedade tinha como objetivo declarado erradicar a fome e a pobreza. Nos primeiros momentos, quando o consumo de carne humana ainda era clandestino, os corpos destinados à comercialização eram justamente de indivíduos marginalizados, como imigrantes, negros e pobres. Em *Jantar Secreto*, por meio dos discursos de alguns personagens, percebe-se igualmente essa lógica de higienização social, marcada pela eliminação da pobreza e pelo assassinato de corpos invisibilizados na sociedade, sobretudo de pessoas em situação de rua, com destaque para pessoas negras. Esse aspecto, explorado pelos autores, dialoga com a ideia de necropolítica de Mbembe (2011) - baseada no conceito de biopolítica de Foucault - segundo a qual certos grupos sociais são tratados como descartáveis ou menos humanos por razões raciais, sociais, econômicas ou políticas.

4. CONCLUSÕES

As narrativas aqui exploradas já foram objeto de estudo na academia. Até o momento, no entanto, não se identificou nenhuma pesquisa que estabeleça um diálogo direto entre as duas, apesar de tratarem de um eixo temático comum: o canibalismo. As duas produções utilizam o consumo de carne humana como uma metáfora para criticar processos de desumanização, animalização e mercantilização

dos corpos em contextos sociais e econômicos marcados por lógicas de dominação e exclusão.

Além disso, não é comum encontrar duas obras que, ao abordarem o canibalismo, mobilizam - ainda que de formas distintas - questões centrais como a violência simbólica, o controle sobre os corpos e a desigualdade estrutural. Como apontado na introdução deste trabalho, o canibalismo é um tema recorrente na cultura *pop*, especialmente no cinema de horror. Suas representações, no entanto, são bastante variadas. Ainda assim, o enfoque específico adotado pelas duas obras literárias analisadas - que apresentam o corpo devorado como produto de consumo - não aparece de forma frequente.

Outro ponto relevante diz respeito ao fato de que os autores analisados se inserem em gêneros literários distintos - um opta pela distopia (Bazterrica), enquanto o outro se inscreve no romance policial (Montes). Ainda assim, é possível perceber que ambos utilizam o horror como elemento narrativo central. A violência explícita gerada pela carnificina presente nas duas obras não apenas intensifica a experiência estética, como também potencializa a crítica social subjacente. Assim, apesar de cada obra apresentar suas particularidades, as duas convergem ao utilizar o horror como linguagem para denunciar práticas de exploração e apagamento da dignidade humana a partir da temática do canibalismo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGAMBEN, Giorgio (2002). **O aberto**: o homem e o animal. 3. ed. Tradução de Pedro Mendes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.
- BAZTERRICA, Agustina. **Saboroso cadáver**. Tradução de Ayelén Medail. Rio de Janeiro: Darkside Books, 2022.
- DERRIDA, Jacques. **O animal que logo sou**. São Paulo: Editora Unesp, 2002.
- DESCARTES, René (1637). **Discurso do Método**. Tradução de Jacob Guinsburg e Bento Prado Júnior. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- MACIEL, Maria Esther. **Literatura e animalidade**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.
- MBEMBE, Achille (2011). **Necropolítica**: biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte. Tradução de Renata Santini. São Paulo: N-1, 2018.
- MONTES, Raphael. **Jantar secreto**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2014.